

Rendimentos da classe média foram os mais afetados pela pandemia de Covid

Ainda assim, a cidade de Bauru figurou entre as 10% mais ricas do País, considerando as que possuem mais de 50 mil habitantes

TISA MORAES
FOLHAPRESS

A classe média foi a que mais perdeu renda durante parte da pandemia de Covid-19, provocando aumento da desigualdade de renda no Brasil. Entre os mais pobres, os rendimentos mantiveram-se praticamente inalterados, graças, principalmente, ao pagamento do Auxílio Emergencial.

Trata-se de uma realidade nacional, que também se aplica a Bauru. Porém, mesmo com os impactos, a cidade figurou entre as 10% mais ricas do País, considerando os municípios com mais de 50 mil habitantes.

Elaborado pela FGV Social com base em declarações de Imposto de Renda (IR) de 2020 e na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), o levantamento mostra que a classe média – formada por pessoas com mais renda do que os 41% mais pobres e com menos do que os 10% mais ricos – perdeu 4,2% de seus rendimentos no primeiro ano da pandemia. Entre os 10%

PREJUÍZO

Classe média perdeu 4,2% da renda no primeiro ano da pandemia, segundo a FGV Social

mais ricos, a queda foi mais do que três vezes menor, de 1,2%. Já entre os 41% mais pobres, houve um pequeno ganho, de 0,2%.

Segundo o economista Marcelo Neri, diretor da FGV Social, ao contrário do que se imaginava, em função do Auxílio Emergencial que chegou a até 67 milhões de pessoas, a desigualdade de renda não caiu no Brasil em 2020, mas foi agravada em razão do empobrecimento da classe média. A pesquisa também buscou identificar a localização geográfica dos municípios mais abastados do País, considerando os rendimentos de declarantes do IR, divididos pela população total de cada cidade.



Ricardo Borges/Folhapress

Economista Marcelo Neri: empobrecimento da classe média agravou a desigualdade no Brasil

RANKING

E, no ranking das 677 localidades brasileiras com mais de 50 mil habitantes, Bauru ficou na 64.ª posição, ou seja, entre os 10% mais ricos. A renda média dos moradores da cidade é de R\$ 1.994,00 mensais, acima da média nacional (R\$ 1.310,00) e um pouco abaixo da do Estado, região economicamente mais dinâmica do País, com R\$ 2.093,00.

Já o patrimônio líquido médio do bauruense – ou seja, a riqueza declarada no IR, dividida por toda a população – é de R\$ 72.985,00, incluindo bens como imóveis, veículos e ativos financeiros, entre outros. “É uma cidade localizada no Estado mais rico da federação e, provavelmente, possui uma maior proporção de pessoas de classe média alta, a chamada classe média tradicional, que possui um

padrão de vida semelhante ao da classe média norte-americana”, descreve Neri.

Entre as unidades da federação, o topo do ranking foi ocupado pelo Distrito Federal, que possui grande concentração de funcionários públicos e alcançou renda média de R\$ 3.148,00, mais que o dobro da média nacional. O DF também registra maior patrimônio por habitante, que possui R\$ 95 mil.

Perda de empregos e fechamento de negócios foram principais motivos

O fechamento de vagas de emprego e os prejuízos financeiros sofridos por muitos negócios foram as principais causas da perda de renda da classe média em Bauru entre 2019 e 2020. E, como serviços e comércio compõem 70% da matriz econômica da cidade, foram trabalhadores e empreendedores destes segmentos os mais afetados, conforme avalia o economista Reinaldo Cafeo.

“A inflação não foi um componente para o achatamento da renda naquele primeiro ano de pandemia, já que o índice foi baixo (4,52%), assim como foi o da taxa básica de juros (2%). Foi um ano de recessão. O desequilíbrio na economia só veio em 2021, com a inflação escalando”, pontua.

Para o economista, algumas características da cidade, em termos de trabalho,

ajudaram a colocá-la em uma posição de destaque entre as mais ricas. Uma delas é o grande volume de funcionários públicos atuando nas esferas municipal, estadual e federal.

“Mesmo aquele que trabalha na base da pirâmide na prefeitura já recebe, de saída, R\$ 1 mil de vale-alimentação. Além disso, parte da população é de servidores aposentados, que estão recebendo seus benefícios com base nas boas remunerações ofertadas pelo setor público no passado”, descreve.

A cidade abriga, ainda, um grande contingente de profissionais liberais, como advogados, economistas, contadores, arquitetos e engenheiros, além de médicos e empresários, entre outros. “Por outro lado, muitos empreendedores perderam patrimônio ou se endividaram

na pandemia. Só não tivemos um problema maior porque a geração de empregos no segmento de recuperação de crédito acabou, de certa maneira, compensando”, aponta.

Mas, apesar da existência consistente destes profissionais, muitos deles pertencentes à classe A (com renda mensal domiciliar superior a R\$ 22 mil), Cafeo lembra que Bauru tem predominância de moradores de classe média e média baixa, que possuem renda familiar entre R\$ 2,9 mil e R\$ 7,1 mil. Segundo a pesquisa IPC Maps, elaborada pela empresa especializada em informações de mercado IPC Marketing, no ano passado, a projeção era de que 52,2% dos domicílios bauruenses correspondiam à classe C. Outros 28,4% pertenciam à B; 15,6% às camadas D e E; e 3,8% à A.



Foto: Divulgação

Economista Reinaldo Cafeo: características da cidade ajudaram

